

A REPERCUSSÃO DA MORTE DE VICTOR HUGO NO BRASIL: O OLHAR AGUDO DE MACHADO DE ASSIS

Daniela Mantarro CALLIPO¹

Este trabalho é resultado da pesquisa feita por ocasião da elaboração de minha dissertação de mestrado cujo tema foi a análise da presença francesa nas “Crônicas de Lélío”, textos escritos por Machado de Assis de 1883 a 1886 para o jornal carioca *Gazeta de Notícias*. Uma dessas crônicas tratava da morte de Victor Hugo, poeta que Machado conhecia e admirava, chegando a afirmar que aprendera a fazer poesia lendo as *Orientais*. O cronista fluminense, entretanto, ao invés de lamentar a morte do escritor francês, compara seu falecimento a uma liquidação, conta uma anedota, convida para uma polca, servindo-se da galhofa e da ironia para comentar a perda de um dos maiores escritores do século XIX. Vejamos alguns trechos dessa crônica publicada no dia 28 de maio, seis dias depois da morte de Victor Hugo.

28 de maio de 1885

Rien n'est sacré pour un sapeur! Leio nas folhas públicas, que a morte de Vítor Hugo tem produzido tanta sensação como os preços baixos da grande alfaiataria Estrela do Brasil. *Rien n'est sacré pour un ... tailleur!*

Eu, em criança, ouvi contar a anedota de uma casa que ardia na estrada. Passa um homem, vê perto da casa uma pobre velhinha chorando, e pergunta-lhe se a casa era dela. Responde-lhe a velha que sim - Então permita-me que acenda ali o meu charuto.

Imitemos este homem polido e econômico. Vamos acender os charutos no castelo de Hugo, enquanto ele arde. Vamos todos, havanas e quebra-queixos, finos

¹ Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 19806-900 – Assis – SP.

Daniela Mantarro Callipo

ou grossos, e os mesmos cigarros, e até as pontas de cigarro. *Nunc est fumandum*. Incêndios duram pouco, e os fósforos são vulgares.

Completemos as estrofes com coletes, façamos de uma ode uma sobrecasaca. Está chorando, meu amigo? Enxugue os olhos no cós destas calças. Vinte e dois mil-réis, serve-lhe? Vá lá, vinte e um. E olhe que é por ser para si. A gramática não é boa, mas o sentimento é sincero. *Ce siècle avait deux ans...* Pano fino; veja aqui, que está mais claro. *Gastibelza, l'homme à la carabine...* Vai pelos vinte e um? é de graça. Vinte? Vinte é pouco, dê vinte e quinhentos. Não? Está bom; vá lá... *Poète, ta fenêtre était ouverte au vent...*

É claro que isto pode aplicar-se a outras coisas, não só aos coletes. Em geral inventamos pouco, e a idéia que um emprega fica logo rafada. Haja vista o Café Papagaio, que lá deu de si o Café Arara e o Café Piriquito, e dará muitos outros, se Deus quiser, porque primeiro acabará o uso do café no mundo, do que as nossas belas aves no mato.

(...) Sei que resta a polca, que não há de querer perder um petisco tão raro, como a morte de um grande poeta. Há a dificuldade dos títulos, que, segundo a estética deste gênero de dança, devem ser como os da última ou penúltima publicada: Seu Filipe, não me embrulhe! Não se pode dizer: - Seu Vítor, não me embrulhe! A morte, ainda que seja de um grande espírito, não se compadece com este gênero de capadoçagem.

O modo de combinar as coisas seria dar às polcas comemorativas um título que, com o pretexto de aludir a escritos do poeta, trouxesse o pico do escândalo. Freira no serralho, por exemplo, é excelente, com esta epígrafe do poeta: *De nonne, elle devient sultane*. E pontinhos. Ou então, este outro: A filha do papa! Eia, polquistas, não desesperemos da basbacaria humana.

Como se vê, Machado de Assis não demonstra tristeza ao comentar a morte de um escritor de quem traduzira *Les Travailleurs de la Mer* em 1866, aos 27 anos. Comportamento inusitado, mesmo para quem sempre se mostrara discreto em relação às perdas significativas, como por ocasião dos falecimentos de Paula Brito, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias.

Eugênio Gomes buscou esclarecer tal postura:

A função de cronista estava na época condicionada a um tipo de galhofa que era garantia segura de êxito e Machado de Assis não media sacrifício em exercer o gênero de maneira cabal (...) Ser cronista era lionizar o mundo social de modo irresistível (1949, p. 79).

Não parecia, entretanto, ser a explicação correta para a atitude de Machado de Assis.

A repercussão da morte de Victor Hugo no Brasil

Em 1885, o escritor fluminense já era reconhecido pelo seu talento, havia feito sua ascensão social, tinha lançado *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e era respeitado nacionalmente. Precisaria ele ainda sujeitar-se aos moldes de uma crônica ligeira? Não poderia servir-se de uma coluna de jornal como melhor lhe aprouvesse? Não estamos falando do jovem Machado que sofreu sanções da direção do *Diário do Rio de Janeiro* por atacar políticos e defender princípios liberais. Aos quarenta e seis anos, Machado de Assis podia escrever o que quisesse, e isso lhe garantia o diretor do periódico, seu amigo Ferreira de Araújo. Portanto, o ponto de vista de Eugênio Gomes não se sustentava, o que levou à pesquisa dos jornais da época.

Os periódicos *Gazeta de Notícias*, *A Semana*, e *A Província de São Paulo* informavam seus leitores diariamente a respeito do estado de Victor Hugo desde que ele fora acometido por uma congestão pulmonar em 14 de maio de 1885. O mundo acompanhava consternado as notícias que indicavam estar o poeta cada vez mais fraco e abatido por causa da pneumonia e de uma lesão cardíaca que o levariam à morte. Durante todos esses dias de combate entre *le jour et la nuit*, os jornais publicaram telegramas vindos de Paris a respeito da saúde do escritor francês. Após uma semana de agonia, Victor Hugo faleceu em 22 de maio de 1885.

No dia seguinte, os periódicos do Brasil publicaram a notícia da morte do autor de *Les Misérables*, renderam-lhe homenagens e lamentaram o falecimento do escritor francês. Na *Gazeta de Notícias*, toda a primeira página é dedicada ao poeta: há um resumo de sua vida, uma descrição de seu estilo, um comentário sobre sua obra e, a seguir, a homenagem de várias personalidades cariocas, inclusive o poema *1802-1885* de Machado de Assis no qual ele coloca o escritor francês ao lado de Homero, Voltaire e Shakespeare.

Nesse poema, percebe-se o profundo respeito e a admiração que Machado de Assis nutria por Victor Hugo. O tom dos versos é sério, contido e elogiativo. Por que, então, no dia 28 de maio Lélío mostra-se irônico, arrogante e impaciente ao tratar de um tema tão delicado?

Por que nos dias subsequentes à morte do autor de *Les Orientales*, a *Gazeta de Notícias* e vários outros periódicos do Brasil inteiro, foram “bombardeados” por publicações de escritores ansiosos por notoriedade, poemas de gosto duvidoso em memória do escritor francês, páginas e páginas escritas por pessoas sem talento que, aproveitando-se do espaço cedido pelo jornal e da notícia que comovera todo o país, desejavam se auto-promover.

Daniela Mantarro Callipo

Carneiro Leão (1960), ao comentar a repercussão da morte de Victor Hugo, cita alguns textos publicados nos jornais:

de Agapito da Veiga: Cristo foi o cordeiro da humanidade, Victor Hugo foi o seu leão.

de Luís Delfino: Foi menos Deus que o Cristo e mais homem que ele.

de Alfredo Conrado: ele era um deus universal.

de Artur Mendes: As doces criancinhas

Que amavam tanto Hugo

Soluçam coitadinhas

Por seu querido avô

Ainda segundo Carneiro Leão (1960), a revista *A Semana* envolveu em crepe a sacada do edifício e decretou luto por oito dias. Em seguida, instituiu um concurso de sonetos sobre Victor Hugo. Para esse concurso foi designada uma comissão julgadora composta por três poetas, dentre os quais Machado de Assis. Ao concurso apresentaram-se 45 concorrentes.

Em São Paulo, senhores a favor da libertação dos escravos reuniram-se e resolveram homenagear o ilustre falecido fundando o *Club Abolicionista Victor Hugo*. A comunidade francesa manda publicar uma carta na *Província de São Paulo*, convocando os admiradores de Victor Hugo para participar de uma comissão organizadora que prepararia uma homenagem ao poeta francês:

D. Pedro II, admirador profundo do escritor francês, pediu a Múcio de Oliveira que reunisse em livro as traduções feitas por poetas brasileiros de poemas de Hugo. O livro, denominado *Hugonianas* foi oferecido a Jeanne, neta do “gigante do século”.

As homenagens se estenderam durante todo o mês de maio. O funeral de Victor Hugo era aguardado com grande expectativa. Entretanto, uma nova polêmica envolvendo o escritor francês seria explorada pelos jornais da época: o governo francês promulgou um decreto retirando ao Panthéon todo o caráter de edifício pertencente ao culto e destinando-o a “encerrar os despojos dos homens eminentes no caráter puramente civil”(A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 1885). O mesmo decreto ordenava fossem os restos mortais de Victor Hugo dados à sepultura no edifício do Panthéon. O clero protestou contra esse decreto do governo, exigindo que a igreja de Santa Genoveva mantivesse seus privilégios como templo católico.

Surdo aos protestos clericais, o governo marcou as exéquias de Victor Hugo para o dia 1º de junho.

A repercussão da morte de Victor Hugo no Brasil

Era preciso esperar que a lei completasse seu percurso pelas Câmaras e decidiu-se embalsamar o corpo de Victor Hugo. Aos poucos, a insanidade começou a tomar conta de seus leitores que queriam ver o rosto do poeta pela última vez, tocá-lo, até mesmo levar pedaços de seu corpo. A ciência também quis a sua parte: pediu à família Hugo que liberasse o cérebro do gênio da literatura francesa para estudos importantes: diante da recusa, os fisiologistas atacaram o egoísmo dos parentes do autor de *Notre Dame* e contentaram-se em estudar sua máscara mortuária, chegando à conclusão, entre outras coisas, de que sua orelha esquerda era mais alta que a direita e a famosa testa de gênio era consequência de uma calvície precoce.

O mundo aguardava ansioso as exéquias do ilustre morto. No dia 31 de maio, seu caixão foi depositado em baixo do Arco do Triunfo. O monumento estava coberto de negro, guardado por cavaleiros com tochas.

A véspera do enterro de Victor Hugo foi descrita como babilônica: lembrancinhas do escritor eram vendidas por ambulantes. Quatrocentas calças que “revestiram as pernas do maior poeta de todos os tempos” foram postas à venda por um senhor que afirmava ter sido seu criado. Bebia-se muito vinho, cantava-se, reservavam-se lugares para ver o cortejo de perto.

Na manhã de 1º de junho, dois milhões de pessoas acompanharam o enterro de Victor Hugo. Janelas, sacadas e galhos de árvores foram alugados por valores exorbitantes. Gigantescos arranjos de flores espalhavam-se pelo caixão triplo e em sua volta. Onze majestosas carruagens seguiam o cortejo. No meio de toda essa opulência, a última antítese do poeta: o carro fúnebre que o conduzia era aquele destinado aos pobres, uma carroça aberta, caindo aos pedaços. Tudo isso esmiuçado pelos periódicos da época.

No dia 3 de junho, Machado de Assis escreve uma “Bala de Estalo” em que se mostra cada vez mais perplexo com os acontecimentos ligados à morte do poeta francês:

Ando tão atordoado, que não sei se chegarei ao fim do papel. Se escorregar, segure-me.

/.../

li, nuns versos publicados em honra de Vítor Hugo, versos cheios de sentimento e vigor, entre os quais estes dois que me estromparam:

Com suas filhas e netos
Levou a cruz ao calvário

Daniela Mantarro Callipo

Como se vê, foi um suplício de família; mas, ainda sendo de família, todos os suplícios são lamentáveis. E aqui, a consternação foi imensa. Ver aquele grande homem, ladeado de duas moças e duas crianças, Calvário acima, para lá pôr uma cruz, é ainda mais doloroso que estupendo. E para que levaria lá aquela cruz, se não tinha de morrer nela? eis aí o que me pareceu requinte de malvez. A compensação única de levar uma cruz ao Calvário é morrer nela. Deram ao pobre velho um suplício, além de coletivo, gratuito.

Já me lembrou se o novo poeta apenas quis fazer uma figura. Em tal caso, desaparece esta segunda causa de atordoamento, para só ficar um desejo íntimo, que não hesito em tornar público. O desejo é que deixemos repousar o Calvário por algum tempo. Há já muito Calvário em verso e em prosa. Para que trocar este dobrão de ouro em moedinhas de níquel? é reduzi-lo a comprar cigarros (ASSIS, 1944, p.460)

No dia 4 de junho, *A Província de São Paulo* publica este telegrama da agência Havas, comentando o enterro de Victor Hugo :

Por ocasião da inumação, foram proferidos dezoito discursos.

Muito pesar em todo o acompanhamento e sinais inequívocos do sentimento que é da França inteira, patenteado pela cidade de Paris.

Ordem perfeita, apesar de algumas manifestações que tentaram aparecer em caráter socialista. Foram apreendidas algumas bandeiras simbólicas, mas não houve tumulto nem desordens

Graham Robb (2000) contradiz o telegrama: segundo o autor, foram dezenove tediosos discursos e o enterro parecia um “alegre dia do Juízo Final”:

Quando o carro fúnebre cruzou o Sena, que vários jornalistas compararam ao rio Styx, uma mulher caiu do parapeito e afogou-se, junto com o homem que tentou salvá-la. Logo adiante, um galho de árvore com excesso de população partiu-se, caiu num lance de escada e feriu cinco pessoas. Quando o cortejo entrou no Boulevard Saint-Michel, começou uma briga no Café de Cluny. Escadas caíram como soldados de brinquedos e uma mulher foi pisoteada. Seus gritos provocaram um ligeiro atraso. Fez-se uma prisão, e depois o desfile retomou seu curso, dolorosamente impressionado pelo incidente. No Boulevard Saint-Germain, uma mulher deu à luz.

A leitura dos jornais leva, portanto, à convicção de que a crônica machadiana do dia 28 de maio não desrespeitou a memória de Victor Hugo. A ironia, o cinismo, o comentário crítico, foram dirigidos aos aproveitadores, àqueles cujo desejo era servir-se da morte de um grande escritor para obter sucesso.

A repercussão da morte de Victor Hugo no Brasil

Ao colocar no mesmo nível a notícia da morte do poeta francês e a liquidação da alfaiataria Estrela do Brasil, Machado de Assis rebaixa a importância da primeira e releva a da segunda. Mas não o faz para mostrar o **seu** ponto de vista. A morte de Victor Hugo certamente provocou no escritor brasileiro uma grande **comoção**. O cronista fala, porém, da grande **sensação** que ela provocou nas folhas públicas. Tantos comentários, tantas homenagens...seriam essas pessoas leitoras de Victor Hugo?

Não por acaso, cita versos muito conhecidos dos fiéis leitores da obra hugoana. Além disso, cada verso foi tirado de uma coletânea diferente, o que indica uma leitura não apenas assídua, mas variada:

“*Ce siècle avait deux ans!*” é o famoso verso retirado das *Feuilles d’automne*. No belíssimo poema, Hugo trata de seu nascimento e do amor e fidelidade que mantém por seus pais. “*Gastibelza, l’homme à la carabine*” verso também famoso, extraído do poema *Guitare*, publicado em *Les Rayons et les Ombres*. Nele, Gastibelza conta ter perdido uma linda dama chamada Sabine para o conde de Saldagne que lhe ofertara uma jóia. Para Machado de Assis, o poema “é uma das coisas mais preciosas da poesia francesa”.(ASSIS, 1938, p.407)

“*Poète, ta fenêtre était ouverte au vent*” foi extraído do poema *Pendant que la fenêtre était ouverte*, publicado em *Les voix intérieures*, e que descreve o amor e o respeito de uma mulher por um poeta, concentrado em suas leituras.

“*De nonne, elle devint sultane...*” - verso pertencente ao poema *Chanson de Pirates*, de *Les Orientales*. Uma jovem de um monastério é raptada por piratas para ser vendida ao sultão e, apesar de suas súplicas, não consegue escapar.

Todos os poemas citados por Machado de Assis são belíssimos e, alguns, muito famosos. O que faz o indignado cronista? Compara a morte do grande poeta francês à liquidação da alfaiataria “Estrela do Brasil” e remete cada verso precioso de Victor Hugo a uma parte da vestimenta, sugerindo que se comenta a obra hugoana como se comenta o “pano fino” de uma calça, com a mesma indiferença com que se discute o preço de um tecido. Lélío ataca ainda a polca, “que não há de querer perder um petisco tão raro como a morte de um grande poeta” e sugere títulos que trouxessem “o pico do escândalo”.

No início da crônica, deparamo-nos com uma citação em francês: “*Rien n’est sacré pour un sapeur*”, que não foi retirada de nenhum poema hugoano. No mesmo tom de galhofa, Machado de Assis apropria-se da frase e a modifica: *Rien n’est sacré pour un ... tailleur!*

Daniela Mantarro Callipo

Essa citação já havia sido usada pelo escritor brasileiro em uma crônica de 7 de julho de 1878 quando denunciou o comportamento impróprio da polícia ao revistar uma moça acusada de contrabando. A frase, segundo R. Magalhães Jr. (1955b) não está presente em nenhum livro e “é uma lembrança dos tempos de Mlle. Aimé. Em 1864, um dos programas do famoso teatro de Arnaud era constituído pelos seguintes atrativos: “*Bonsoir, Mr. Pantalon*”, ópera cômica em um ato, de Lockroy (...), “*Rien n’est sacré pour un sapeur*”, que a reclame consignava como uma “excentricité par Mlle. Aimé”; “*Le Joujou Electrique*”, pantomima de Mr. Paul Legrand (...) e “*Nisco*”, número de canto de Mlle. Solange”.

Rien n’est sacré pour un sapeur seria, portanto, o título de uma peça cômica representada no Alcazar, teatro que Machado de Assis, José de Alencar e outros dramaturgos brasileiros criticavam devido às imoralidades ali cometidas. Mlle. Aimée era a atriz mais famosa desses espetáculos que atraíam um público numeroso e deixavam os teatros sérios vazios. O “demoninho louro”, segundo descrição feita por Machado de Assis em crônica de 1864, deixou o Brasil em 1868 depois de acumular considerável fortuna.

Incluir o título de uma peça representada no Alcazar por uma atriz de duvidosa reputação em uma crônica cujo tema era a morte de um dos maiores escritores da França revela a visão de Machado de Assis em relação à maneira pela qual se tirou proveito da morte de Victor Hugo: o triste acontecimento foi tão explorado que perdeu a conotação de luto e tornou-se um espetáculo grotesco. Nada é sagrado para aquele que cava as trincheiras, nada é respeitado por quem deseja se tornar famoso a qualquer preço.

Uma crônica escrita em 19 de março de 1889 para a *Gazeta de Notícias*, revela a maneira que Machado de Assis desejava fosse tratada a morte de pessoas ilustres

Bons Dias!

Faleceu em Portugal o Sr. Jacome de Bruges Ornellas Ávila Paim da Câmara Ponce de Leão Homem da Costa Noronha Borges de Sousa e Saavedra, 2º Conde da Praia da Vitória, 2º Visconde de Bruges.

Quarta-feira, na igreja do Carmo, diz-se uma missa por alma do ilustre finado, e quem a manda dizer é seu amigo - nada mais que amigo gratíssimo à memória do finado. Nenhum nome, nada, um amigo; é o que leio nos anúncios.

Quem quer que sejas tu, homem raro, deixa-me apertar-te as mãos de longe, e não te faço um discurso, para não te molestar; mas é o que tu merecias, e mereces. Singular anônimo, tu perdes um amigo daquele tamanho, e não lhe aproveitavas a memória para cavalgá-lo. Não fazes daqueles títulos e nomes a tua própria conde-

A repercussão da morte de Victor Hugo no Brasil

coração. Não chocalhas o finado à tua porta, como um reclamo, para atrair, e dizer depois à gente reunida: - Eu, Fulano de Tal, mando dizer uma missa por alma do meu grande amigo Jacome de Bruges Ornellas Ávila Paim da Câmara Ponce de Leão Homem da Costa Noronha Borges de Sousa e Saavedra, 2º Conde da Praia da Vitória, 2º Visconde de Bruges.

/.../

É assim, nobre anônimo; um morto ilustre é um naco de glória que não se perde; e além disso, é uma ocasião rara, e, às vezes única, de superar os contemporâneos. (ASSIS, 1990, p.178)

Machado de Assis era leitor e admirador de Victor Hugo. A crônica escrita em 28 de maio daquele ano é uma manifestação indignada contra os que, sem talento, ousam se promover às custas de quem nem chegaram a conhecer e respeitar profundamente.

Referências

- ASSIS, M. de. **Crônicas de Lélío**. Rio de Janeiro: Ediouro, [19-].
- ASSIS, M. de. **Crítica teatral**. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.
- ASSIS, M. de. **Crônicas**. Rio de Janeiro: Jackson, 1944. v.1;2.
- ASSIS, M. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959. v.3.
- ASSIS, M. de. **Bons dias!** São Paulo: Hucitec, 1990.
- CARNEIRO LEÃO, A. **Victor Hugo no Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960.
- GOMES, E. **Espelho contra espelho**. São Paulo: IPE, 1949.
- GOMES, E. **Influências inglesas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Pallas, 1970.
- HUGO, V. **Odes et ballades**. Paris: Lemerre, 1947.
- HUGO, V. **Les chants du crepuscule**. Paris: Garnier-Frères, 1950a.
- HUGO, V. **Les voix intérieures-les rayons et les ombres**. Paris: Garnier-Frères, 1950b.
- HUGO, V. **Les orientales – les feuilles d’automne**. Paris: Flammarion, 1972.
- MAGALHÃES JUNIOR, R. **Machado de Assis desconhecido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955a.
- MAGALHÃES JUNIOR, R. **Ao redor de Machado de Assis: pesquisas e interpretações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955b.

Daniela Mantarro Callipo

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, São Paulo, 29 maio 1885.

ROBB, G. **Victor Hugo**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2000.

• • •

Resumo: A morte de Victor Hugo causou uma grande repercussão no mundo. No Brasil, houve grande tristeza pelo falecimento do grande poeta. Machado de Assis, entretanto, trata o fato com irritação e zombaria. Este artigo tem como objetivo explicar o comportamento machadiano a partir da leitura dos jornais da época.

Palavras-chave: Morte de Victor Hugo; repercussão no Brasil; olhar de Machado de Assis

Abstract: The death of Victor Hugo caused a big repercussion in the world. In Brazil, there was a deep sorrow when the great poet died. Machado de Assis broaches the fact with irritation and mockery. The aim of this article is to study the behaviour of Machado, through the reading of newspapers of the period.

Keywords: The death of Victor Hugo, repercussion in Brazil, impression of Machado de Assis.